

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



Redacção

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM. — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO GOELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — L. FILLIPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,5920 rs. — Trimestre 1,000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 10. — SABBADO, 8 DE MARÇO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,5000 — Semestre 2,5100 — Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 3,5000 rs.

## SUMMARIO.

Ir a Roma e não ver o Papa, romance (continuação). — A corte de D. João III, estado social e economico do paiz no meiodo do seculo XVI, (conclusão). — D. Manuel José Quintana e a litteratura moderna castelhana (continuação). — Estado social e economico de Macau (continuação). — Viagens; ilhas dos Açores, (continuação). — Telegrapho das locomotivas. — Uma operação notavel. — O general Bazaine, commandante das tropas francezas na expedição ás bocas do Dniéper. — Praça publica d'Elvas. — A Herança do Chancellor; esboço critico. — A um retrato, poesia. — Narrativas, lendas, superstições, e crencas populares, (continuação). — A nova ponte de Colonia. — Chronica semanal.

GRAVURAS : — Uma vista do Fayal. — Telegrapho das locomotivas, vista exterior e interior. — Praça publica d'Elvas. — Modas. — O general Bazaine. — A nova ponte de Colonia.

## IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

### CAPITULO VIII

Onde o nosso argonauta, na idea de aportar a Toulon, faz algumas considerações geographicas da primeira importancia.

— Quantas horas estive n'aquellas profundas, não o sei eu; sei só que ouvi um barulho de instrumentos de latão como nunca tinha imaginado outro assim; e mas o theatro de Marselha não era, já n'essa epocha, mal servido d'este genero. Fazia o *baixo* a esta harmonia horrora um estampido infernal; como que uma legião de demonios executava a symphonia do fim do mundo.

Confesso-lhes que não estava nada á minha vontade.

Ao cabo de um tempo indeterminado, percebi que o navio socegava: entretanto, pelo sim pelo não, deixei-me ficar ainda um pedaço muito quieto no meu canto.

A final, verificando que effectivamente todo o movimento cessara, e cessara completamente, deliberei-me a subir. Na coberta estava tudo socegado, exceptuando alguns feridos que gemiam na enfermaria. Animei-me, e trepei até ao convez.

Estavamos fundeados.

— «Então que me diz!» — exclamou o capitão Garnier dirigindo-se a mim, e batendo-me no hombro. — «Escapou de boa sr. Louet.

— «Parece que sim,» — tornei eu. — «Pelos modos estamos em porto seguro.

— «Com a tormenta que

se levantou, como eu lhe annunciei, os inglezes tiveram tanto que fazer por sua conta, que não poderam continuar comnosco.»

— «De modo que?»

— «De modo que lhes escorregámos das mãos...»

— «Como uma ciroz.»

Aquella comparação maritima era para lisongear o amor proprio do homem.

O capitão nem por isso mostrou uma approvação entusiastica, e eu prosegui:

— «Se não me engano, aquellas são as ilhas de sancta Margarida.»

— «O que diz?»

— «Digo-lhe,» — insisti indicando-lhe, entre outras, uma ilha perfeitamente distincta no horisonte, — «digo-lhe que ali tem provavelmente a ilha de sancta Margarida, onde estava o celebre *Mascara-de-ferro*, antes de ser encarcerado na Bastilha.»

— «Que ilha! Aquella?»

— «Justo, aquella.»

— «A que fica a solavento do brigue?»

— «Isso não sei eu. Repare, capitão. Veja para onde eu aponto. É a que fica na extremidade do meu dedo.»

— «Aquella a ilha de sancta Margarida!»

— «Pois qual é?»

— «Aquella é a ilha d'Elba.»

— «Como! A ilha d'Elba,» — disse eu. — «Ou estar va errado o compendio de geographia que me fizeram da-no collegio, ou é uma grande novidade, pelo menos para mim, achar-se a ilha d'Elba tão perto de Toulon.»

— «E que tem isto que ver com Toulon!»

— «Pois esta cidade que avistámos d'aqui não é Toulon? Pois este porto em que nos achamos fundeados não é o porto de Toulon! Em summa, capitão, quando saímos de Niza, não me disse que iam para Toulon?»

— «O sr. Luiz Louet não sabe o dictado: — o homem põe...?»

— «= E Deus dispõe. = Sei. É um proverbio muito philosophico.»

— «E sobre tudo extremamente veridico. Deus dispõe!»

— «De quem?»

— «De quem! De nós.»

— «Então onde estamos?»

— «Estamos em Piombino.»

— «Em Piombino, capitão! Que extravagancia! Mas então, se vamos por este andar, volto a Marselha pelas ilhas Sandwich, onde foi assassinado o capitão Cook.»

— «Verdade, verdade, não estamos muito no caminho direito.»

— «É cada vez mais a distancia que me separa da minha patria.»

— «E eu, que sou da Bretanha?»

— «E como havemos de regressar?»

— «O que á Bretanha?»

— «Nada, a Marselha.»

— «Ha dois modos.»

— «Dois.»

— «O primeiro pela via maritima, no meu brigue.»

— «Obrigado: livre-me d'uma, não torno a cair n'outra.»

— «O segundo, pela estrada de terra, no vetturino.»

— «O que é o vetturino?»

— «Uma especie de carruagem.»

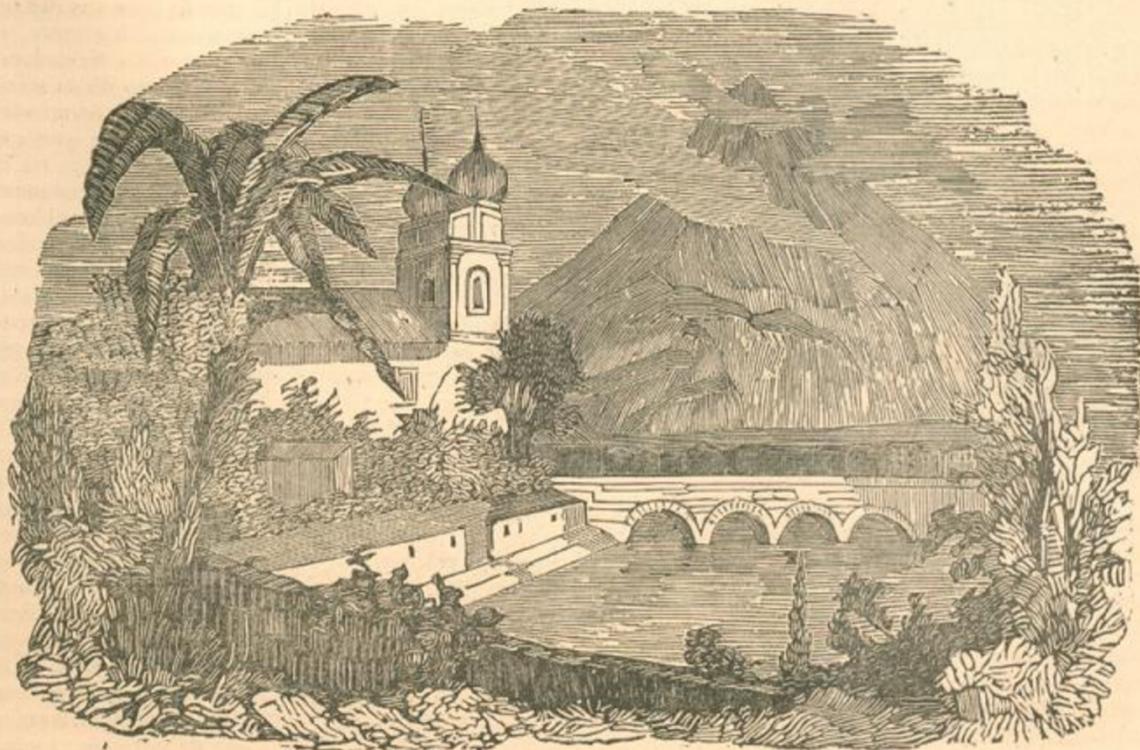
— «Escolho o vetturino: prefiro-o sem hesitar.»

— «N'esse caso, faço-o des- embarcar.»

— «É um grande favor, capitão. Ficar-lhe-hei agradecidissimo.»

O capitão Garnier chamou um bote.

A bagagem não era pezada como sabem; reduzia-se á



Uma vista do Fayal.

bolça de caça e á espingarda. Despedi-me do capitão desajando-lhe feliz viagem, e preparei-me a descer do portaló.

— « Sr. Louet, » — disse-me o bravo Garnier, Fui ter com elle, e respondi-lhe:

— « Deseja alguma cousa? »

— « Meu caro sr. Louet, — continuou elle com modos de quem estava n'um grande enleio — meu caro sr. Louet, bem sabe que entre compatriotas não se faz cumprimentos. »

— « Sei, de certo, sei. »

— « Então já vê... »

— « Vejo, mas não entendo. Vem a dizer-me que... »

— « Venho a dizer... »

— « Vem a dizer? » — repeti.

— « Venho a dizer, — concluiu o capitão, refolegando como um baleote, — venho a dizer... com um milhão de demonios!... venho a dizer-lhe que a minha bolça está á sua disposição... safa! custou. »

— « Capitão... » — retroquei como vido e balbuciando.

Aquella maneira de me offerecer o seu dinheiro fez-me chegar as lagrimas aos olhos.

— « Obrigado, capitão. » — disse afinal apertando-lhe a mão, — obrigado. Não preciso. Estou remediado. »

— « Eu sei... um artista!... »

— « Tenho trezentos francos atados na ponta d'este lenço. »

— « Ah! se tem trezentos francos... com isso vai-se ao cabo do mundo. »

— « Não dejezo ir tão longe. Se poder, pararei em Marselha. »

— « Então, boa viagem; e não se esqueça de mim nas suas orações. »

— Mil annos que eu viva hei-de-me sempre lembrar do capitão Garnier. »

— « Adeus sr. Luiz Louet! »

— « Adeus capitão! »

Desci do portaló para o bote com o coração apertado. O capitão passou de bombardeio a estibordo para me seguir com os olhos.

— « Vá para o Hussar francez *Al Hussaro francese*: é a melhor hospedaria. »

Foram as derradeiras palavras que lhe ouvi, meus senhores. Parece-me vê-lo ainda, o pobre capitão, encostado á amura, fumando o seu charuto, por que o cachimbo era só para as occasiões solemnes. Pobre capitão Garnier!

O narrador limpou uma lagrima.

— Succedeu-lhe alguma cousa? — perguntou Dumas com interesse, por que o instincto do drama lhe fizera sentir o quer que fosse.

— Succedeu-lhe ser partido ao meio, d'ahi a tres mezes, por um bala de trinta e seis: mais nada.

Respeitaram todos a saudade sincera do rabecão grande; e Méry, para o consolar no que estava na sua mão, encheu-lhe terceiro copo de ponche.

— Meus senhores, — disse o poeta levando o calice á altura do raio visual, — proponho um brinde, que seguramente não parecerá sedicioso, apesar de ser feito a um bonapartista, e estarmos em 1834: á memoria do capitão Garnier!

Beberam todos com espontaneo entusiasmo, e o narrador continuou n'estes termos.

Continúa.

MENDES LEAL JUNIOR,

### A CORTE DE D. JOÃO III

ESTADO MORAL E ECONOMICO DO PAIZ NO MEIADO DO SEculo XVI

(Fragmento inedito do VII Livro da Historia do Estabelecimento da Inquisição).

(Continuado do N.º 8).

Mas se estes nos revelam o estado não só do clero hierarchico, mas tambem do monachismo portuguez, as considerações offerecidas por Fr. Francisco da Conceição a os padres de Trento têm um caracter de generalidade que abrange todas as classes e descobrem ulceras de diverso genero, porem não menos asquerosas. Os bispos, com rarrissimas excepções, nunca residiam nas suas dioceses contentando-se com enviar para lá vigários geraes, cargo em que por via de regra eram providos aquelles que mais barato o faziam, embora d'elle fossem indignos. Os bispos do ultramar nem sequer curavam de semelhante formalidade, e essas regiões mais ou menos remotas estavam completamente privadas de pastores. Segundo affirmava o bom do carmelita as superstições mulheris, sobre tudo nos conventos e nas casas de fidalgos, eram monstruosas, além de outras relativas ao culto publico, a que já anteriormente alludimos (1). O sigillismo tinha-se introduzido em larga escala. Com o pretexto de ser para fins honestos e com permissão dos penitentes, os confessores revelavam os segredos da confissão. Os abusos e misérias que se passavam nos pulpitos eram quotidianos. Os prégadores, havia-os em nome, mas eram na realidade, raros, e esses poucos tractados com desprezo. O commum d'elles o que buscava era honras e dinheiro, lisonjeando as paixões do auditorio. O povo ignorava a religião; porque os oradores sagrados só curavam de vans subtilidades. Um dos

(1) Vide aute T. 1 p. 193.

males que mais affligiam o reino era a excessiva multidão de sacerdotes. Havia pequena aldeia onde viviam até quarenta, do que resultava andarem sempre em competencias disputando uns aos outros as missas, enterros, e solemnidades do culto, com altissimo escandalo do povo. Augmentava-se desmesuradamente esse escandalo com o numero prodigioso e com a immoralidade d'aquelles que só pertenciam ao clero por terem tomado ordens menores. Muitos tractavam de receber esse grau só para se exemptarem da jurisdicção civil. Um dos abusos frequentes que estes taes commettiam era casarem clandestinamente, podendo assim delinquir sem perigo, porque se os processavam por algum crime de morte, declinavam a competencia dos tribunaes seculares; e suas mulheres, para os salvarem, não hesitavam em se envilecerem a si proprias perante os magistrados, declarando-se concubinas. Malvados havia, que, aproveitando as declarações d'aquellas que lhes tinham sacrificado a ultima cousa que a mulher sacrificava, o pudor publico, as abandonavam depois, servindo-se da generosa confissão que lhes salvara a cabeça, para despedaçarem os laços sanctos, embora occultos, que os ligavam ás infelizes. Os casamentos clandestinos que facultavam taes horrores, e que eram vulgarissimos, produziam ainda outros resultados não menos deploraveis. Negava-se não raro, depois, a existencia de um facto que se não podia provar, e o receio dos rigores paternos fazia com que muitas filhas acceptassem segundas nupcias pertencendo já o outro homem. Ainda quando não chegavam a esta situação extrema, a vergonha e o temor produziam infanteccidões em larga copia. Por outro lado a difficuldade e o preço das dispensas para os consorcios entre parentes completavam a obra dos casamentos clandestinos. Inhabilitados por falta de recursos para legitimarem as uniões vedadas, não tendo animo para abandonarem a mulher que amavam, e vergando debaixo do peso das censuras canonicas, muitos individuos calcavam aos pés o sentimento religioso e adoptavam uma especie de atheismo brutal, esquecendo todos os actos externos do culto.

Ha poucos annos que um livro admiravel (1) agitou profundamente os espiritos descrevendo a existencia do escravo nos estados americanos. As scenas repugnantes ou dolorosas descriptas naquelle celebre livro poderiam ter sido collocadas no nosso paiz no meado do seculo XVI, com a mudança dos nomes dos personagens e dos logares, mas talvez com mais carregadas cores. A vida do escravo, se acreditarmos a narrativa do informador dos padres de Trento, era nessa epocha verdadeiramente horrivel em Portugal. Mas um povo, affeito a ver tractar assim uma porção dos seus semelhantes, deixaria de corromper-se conservando instinctos de nobreza e generosidade? Os escravos mouros, e negros, além de outros trazidos de diversas regiões, aos quaes se ministrava o baptismo não recebiam depois a minima educação religiosa. Fé não a tinham, ignorando completamente o credo e até a oração dominical, o que não procedia só do desleixo de seus senhores, mas tambem da relaxação dos prelados. Era permitido entre elles o concubinato, misturando-se baptisados e não baptisados, e tolerando-se até essas relações illicitas entre servos e pessoas livres. Os senhores favoreciam esta dissolução para augmentarem o numero das crias, como quem promove o accrescimento de um rebanho. Os filhos de escravos até a terceira ou quarta geração, (2) embora baptisados, eram marcados na cara com um ferro em braza para se poderem vender; e por isso as mães desejosas de evitar o triste destino que esperava seus filhos procuravam abortar, ou commettiam outros crimes. Os máus tractos de seus donos, accumulando o odio nos corações dos escravos, fazia com que estes ás vezes recusassem tenazmente o baptismo que nenhum allivio lhes trazia. De feito nas crueldades que sobre elles se exerciam não havia distincções. O castigo que ordinariamente lhes davam era queimal-os com tições accesos, ou com cera, toucinho, ou outras materias derretidas. Uma circumstancia aggravava o procedimento que se tinha com estes desgraçados. Boa parte delles nem eram captivos na guerra pelos portuguezes, nem comprados por estes aos vencedores nas luctas entre as nações e tribus barbaras da Africa, da Asia e da America: eram homens naturalmente livres, arrebatados da patria pelos navegadores, e trazidos a Portugal para serem submettidos a perpetua servidão. Fijalmente os consorcios legitimos entre pessoas escravas e livres, consorcios assaz frequentes, tornavam-se para os senhores n'um meio de satisfazer os mais baixos e ferozes instinctos de crueldade; de folgarem com o espectáculo das agonias mais pungentes do coração humano. Quando o livre queria remir a consorte captiva, oppunha-se o senhor, e não raro a pretensão dava origem a scenas de violencia e de sangue, ou a ser vendida a pobre escrava para terras longiquas, quebrando-se assim por um impio capricho os laços que sanctificara a igreja.

Tal era o estado da religião e da moral n'um paiz que se lançava nos extremos da intolerancia e onde se pretendia conquistar o ceu com as fogueiras da Inquisição; tal era o estado economico desse mesmo paiz, que expulsava do seu seio ou assassinava judicialmente os cidadãos

(1) *Uncle Tom's Cabin*, pela americana Beecher Stowe.

(2) « In tertia etiam et quarta generatione. » As familias servas, principalmente os pretos, indios, e americanos não podiam passar ainda da terceira ou quarta geração, attenta a epocha dos descobrimentos e conquistas. Dos captivos mouros de Berberia poucos podia haver pela necessidade frequente de os trocar por captivos christãos.

mais activos, mais industriosos e mais ricos, destruindo um dos principaes elementos da prosperidade publica, ao passo que os desconcertos e prodigalidades de um governo inepto sepultavam na voragem da usura todos os recursos do estado. A corte de Roma, que, nas suas relações officias com a de Portugal, lisonjeava não raro as vaidades do rei e do reino, vê-se que sabia, nas suas notas secretas, apreciar devidamente os meritos de um e as forças do outro. O leitor, porém, habilitado para avaliar a exactidão das apreciações da curia, igualmente o fica para ajuizar ácerca dos sentimentos de lealdade, de desinteresse e sobretudo de caridade christã que serviam de norte á politica de Roma para com uma nação pobre e corrompida, que ella propria reconhecia como supersticiosa e fanatica, e para com um rei que reputava inhabil, e cuja força moral se reduzia, conforme ella affirmava, a encubrir a extrema fraqueza debaixo das vãs formulas de uma linguagem altiva.

A. HERCULANO.

### D. MANUEL JOSÉ QUINTANA, E A LITTERATURA MODERNA CASTELHANA.

A poesia experimentava ao começar o seculo XVIII na Hespanha, os mesmos fados que na mesma epocha a perseguiam então em Portugal. O seculo XVIII que fóra a quadra mais florente e mais viçosa das letras francezas, havia sido para a Hespanha um tempo de rapida e progressiva decadencia para a litteratura opulenta e brilhante do seculo de quinhentos. O seculo que produzia além dos Pyrineos, aos Molière e aos Racine, aos Boileau e aos Pascal, aos Bossuets e aos Fénelon, dava-lhes por contemporaneos e por confrades indignos no sacerdocio das musas e no pontificado intellectual, aos degenerados seguidores do culteranismo, e da pueril escola dos conceptistas. Em quanto o tempo tendia a purificar o espirito em França, e a moldá-lo nas fórmulas elegantes da antiguidade, o espirito corrompia-se cada vez mais do outro lado dos Pyrineos, e perdia as musas espanholas as primitivas graças e donaire nacional para se enfeitarem com as falsas pedrarias e dourados do cantor de *Polyfemo*. Em quanto em França á severidade da razão se alliam sem desdouro as liberdades da rima, na Hespanha ao contrario a lyra parecia haver-se desquitado da intelligencia; e a imaginação, em vez de ser a razão apaixonada, mostrava ser ao revez a razão viciada e corrompida.

Com a dynastia franceza que a sorte das armas na guerra da successão, trouxe a governar a Hespanha, começou a infiltrar-se para áquem dos Pyrineos a idéa franceza. Quando a litteratura nacional para se enfeitarem com a progressiva corrupção, quando agonizante não ha já engenho que a possa vivificar, nem exemplo ou preceito que tenha força para a manter, então a influencia estrangeira acha livre o estadio, onde ninguém lhe póde por muito tempo sustar a marcha irresistivel e vencedora. Nenhum povo culto póde viver sem litteratura. Os individuos para viver e satisfazer ao seu destino hão-de comunicar as suas idéas e traduzir na linguagem as manifestações da sua intelligencia. A expressão das nações, a sua conversação, o desafogo do seu espirito, é a litteratura de cada epocha e de cada sociedade. Um povo sem letras não vive muito tempo, e se vive, é uma excepção privilegiada. É como um cenobita que vive do silencio, suprimindo pela meditação e pelo colloquio intimo o que lhe falta em expansões do pensamento e em desafogos da palavra. Os spartanos não tiveram letras nem artes espirituas, mas era por isso mesmo Lacedemonia mais do que uma nação um eremiterio politico, onde a qualidade de cidadão impunha como dever uma especie de vida contemplativa, em obsequio ao ideal da liberdade, — e uma dedicação heroica, e um martyrio sempre eminente á divindade implacavel da patria.

Se ha povo que por communicativo e poetico haja mister de uma litteratura, é este o povo meridional, o povo da peninsula. Se os seus vates não cantam no tom proprio e nativo d'esta terra, o povo deleitar-se-ha, á min-goia de melhor, com os cantos modulados por mãos peninsulares, mas em lyras estrangeiras. Se lhe não narram já as grandezas da patria Hespanha, e as cavalleirozas maravilhas das guerras mouriscas, e as aventuras heroicas do Cid batalhador, e as lendas de Granada, e os prodigios da Alhambra, e as magnificencias de Cordova, folga ao menos que lhe cantem e lhe embalem os ocios com algum cantar singello e intelligivel, que accenda o entusiasmo espontaneo sem offender o bom senso universal.

O que o povo não pode amar é a litteratura que não póde comprehender. E a poesia do seculo XVII em Hespanha estava mais que nenhuma outra no caso de merecer por inintelligivel e alambicada o justo e despeitoso desdem das turbas que mais escutam e attendem as muzas com o coração do que pela intelligencia.

A litteratura franceza tem sido sempre de todas a mais popular por ser a mais comprehensivel. Desde os primeiros dias os poetas francezes tomaram por auditorio a multidão, o povo, em quanto que os poetas aristocraticos de outras nações, desdenhavam por humilde a linguagem commum, e guindaram o pensamento até o sequestrarem ás intelligencias vulgares. O segredo das muzas francezas esteve em serem elegantes e graciosas sem raiar em abstrusos e paradoxaes. As muzas tem de mulheres o mesmo condão de formosas. A mais gracioza belleza feminina ha de, para que todos a comprehendam e admirem, apparecer

com os encantos naturaes, sem arrebiques e enfeites exagerados. Venus esculpem-na os estatuarios, dando a adinhar as formas voluptuosas por entre diafano cendal. As musas hão-de tambem mostrar-se compostas, mas não garridas; infetadas, sim, como formozas, mas não em tanta profusão ornatos e gemmas de Tarpéa, que se lhe acurve o talhe, e se lhe esconda o rosto sob o peso das vestimentas e adornos.

Fingiram os poetas gregos que fóra tal a suavidade e encanto com que tangia o velho Orphéo, que por se delectarem em ouvil-o, torciam os rios a corrente, e se ficavam quedas as arvores sem bulir, e se amansavam as feras pelos bosques, e até as mesmas pedras como que brotavam de si ouvidos com que attender á melodia do cantor. Mytho eloquente e bem-avizado! Porque se a poesia ha-de ser tal, e para todos, ainda ao animo e rasão dos mais humildes e rasteiros se ha-de moldar; que a oigam e n'ella se enlevem e se deliciem os que apenas vegetam, como plantas, e os que pouco mais sabem pensar e sentir que penhas e rochedos. Não diz o mytho, que vieram academias, eruditos e philologos muito sapientes, mas por isso mesmo, muito quisquillosos, ouvir, criticar e pôr pé-chas ao canto de Orphéo. Não diz, porque a poesia não hade ser em tom tão elevado e em linguagem tão artificial e tão academica, que ninguem n'a entende senão os sabios, que as mais das vezes a não podem sentir.

A poesia hespanhola era assim. Não era para ser sentida, era para ser admirada e applaudida no seu artificio esteril. Não era para o coração, era para o espirito. Não se applaudia o pensamento, senão a fórma artificiosa porque o disfarçavam e o traduziam em fórmas desconhecidas ao vulgo dos leitores. A poesia, reduzida assim a dispensar quasi o éstro e o sentimento, e a viver das gallas emprestadas da rhetorica, torna-se um jogo que pôde entreter os iniciados e raros cultores d'este xadrez do espirito, sem interessar nem commover os que aspiram a ver interpretados e embellecidos nas fórmas da poesia os sentimentos, as paixões, as melancolias, as tristezas, os jubilos, e os enthusiasmos de um povo ou de uma geração.

A poesia franceza respondia mais generosamente ao instincto popular. Eis-ahi o segredo da sua rapida conquista e da sua facil vulgarisação. Não lhe deram as armas conquistadoras da França a investidura no primado litterario. Se a conquista material desse a uma litteratura foros de cosmopolita, a hespanhola e a portugueza lhe haveriam de antemão tomado o passo.

«A poesia franceza, diz o escriptor eminente de quem agora tentamos esboçar a biographia e relevar as glorias litterarias, recommenda-se geralmente mais pela exactidão dos seus planos, pela regularidade das suas fórmas, pela plenitude e delicadeza de seus pensamentos que pela harmonia de seus sonidos, pela audacia das suas figuras, e pelo vôo da sua phantazia. Assim a castelhana na epoca de que fallamos (o seculo XVIII) será mais cuidadosa de evitar defeitos que atrevida e ambiciosa de produzir bellezas; quererá antes contentar a rasão que regalar o ouvido e arrebatar a phantazia; terá em summa com mais correção e melhor gosto, menos liberdade, menos riqueza, menos encanto, menos affagos.»

Eis ahí descriptos no eloquente laconismo de Quintana as feições proeminentes da revolução que o influxo da litteratura franceza exerceu no seculo passado sobre o desregramento e anarchia da hespanhola republica das letras. A litteratura transpirenaria asoberbou e expelliu os ultimos restos do gongorismo. Assim como os exercitos francezes vieram no nosso seculo suffocar na Hespanha os instinctos democraticos, no segundo idyllio da liberdade hespanhola, no seculo XVIII, foi mister que as letras francezas, invadindo a peninsula, intimassem a abdicación á debil e degenerada dynastia das musas castelhanas, e acossando a anarchia litteraria, e a infrene licença dos vates gongoristas, lançassem os fundamentos de uma nova monarchia litteraria.

(Continúa).

J. M. LATINO COELHO.

MACAU.

(Continuado do n.º 7.)

Tanto os chins como os macaistas chamam *camecões*, ás duas partes que ficam, na pópa da lorcha, inteiramente separadas pela fenda, e que de ordinario se aproveitam para paioes ou para belixes. A camara é em seguida, e ha lorchas que as tem mui boas, e com bastantes accommodações para passageiros.

O aparelho consiste em dous mastros. O grande collocado a mais de metade do comprimento da lorcha, da pópa para a prôa, e muito próximo a esta o do traquete. Ambos tem grandes velas quadrilongas, ordinariamente d'esteira, a espaços ligados horizontalmente a varas de *entena* (especie de pinho) ou de bambú, que servem para o mesmo que os *rinzes*. Sobre a vela grande ha uma gavea, e bojarrona e vela d'estae no grupés: isto nas lorchas macaenses, porque as propriamente chinezas não as usam.

Á pópa, mesmo encostado ao *painel*, ha um pequeno mastro com vela, especie de mezena.

Usam as lorchas levar sempre a prôa muito mettida n'agua, o que dizem lhe dá melhor andamento.

Uma das cousas mais singulares d'estas embarcações, é o systema da collocação dos mastros, que são de ordi-

nario de excellente madeira, e de grande peso. Não assentam no fundo ou sobre-quilha; atravessam o convez n'uma folgada *enóra*, e descem cousa de um e meio a dous pés a descansar n'um forte pranchão, atravessado horizontalmente entre a coberta e o fundo, e apoiado nos topos pelas amuradas da embarcação. Quatro grossos barrotes, introduzidos nos quatro lados da *enóra*, amparam os mastros e os acompanham no convez até á altura d'um homem.

D'este modo, segundo a necessidade, podem os mastros inclinar-se para a tolda, até ao ponto de ficarem apoiados sobre a *grinalda* da pópa. Quando as lorchas chinezas ancoradas, preveem a approximação de temporaes ou tufões, favorecidas por este systema e por uma taboa movel que ha no convez, inclinam ou arrêam os mastros. Esta operação que fóra impraticavel no nosso systema de mastreação, graças ao seu, a empregam os chins com muita habilidade e vantagem, até nas *sómas*, ou embarcações de grande lote, correspondentes ás nossas galeras.

Não é menos engenhoso o meio que empregam, para que se não afundem as embarcações quando soffrem rombos no casco. Usam construí-las com repartimentos no prôa, formados de divisões de madeira, parallelas entre si e perpendiculares á quilha, com altura superior á da linha d'agua; de modo que pode esta penetrar n'um ou mais intervallos, sem que o navio fique em perigo de soçobrar. Todos os maritimos que visitam o celestial imperio, celebram esta singella invenção dos chins, que parece nunca occorreu aos europeus. Os inglezes e americanos já adoptaram este systema em algumas das suas embarcações.

Como as lorchas demandam muito pouca agua, aproximam-se das praias ás vezes até ao ponto de poder saltar gente d'ellas para terra, e quasi sobre esta viram de bordo com pasmosa rapidez.

Segundo a opinião dos homens da arte, apresentam as lorchas muitos defeitos de construcção, de aparelho e de systema de leme. É, porém, fora de duvida, que fazem excellente serviço nas costas e revoltosos mares da China. Estendem as suas viagens até á ilha Formosa, ao Japão e á Coréa. Uma lorcha de Macau já foi á California, atravessando todo o mar pacifico. Parece entretanto que será possivel melhora-las, sem lhes alterar as boas qualidades. Acaba de tental-o louvavelmente o segundo tenente da armada, o sr. Carlos Folqué Possollo, da guarnição da corveta D. João I.

Este digno official junta a regulares e bons estudos, muita vocação para as construcções navaes; e pelas suas qualidades pessoaes tem adquirido em Macau muitas sympathias. Intentou construir um modelo de lorcha, corrigindo-lhe os defeitos, sem lhe destruir as vantagens que na navegação tem. O negociante macaista, o sr. José Vicente Jorge, patriótica e generosamente coadjuvou este empenho, facilitando o dinheiro necessario á construcção, que foi feita sob a direcção immediata do dito segundo tenente.

A nova lorcha, que o desenho representa, (1) já navega no porto de Macau. Suas dimensões são as seguintes:

	Pés.	Polleg.
Comprimento do navio entre as perpendiculares . . . . .	25	8
Idem de roda a roda . . . . .	28	0
Boca . . . . .	6	10
Fundo, ou agua que demanda		
} á prôa	2	9
} á ré . . . . .	1	7

O casco é exactamente como o das lorchas descriptas, só com a differença de não ter tão desconforme leme, que está em proporção com as dimensões do navio, e é á similhaça dos dos barcos de vapor. Tem de *porta* um e meio pé, gira sobre tres *femeas* fixas a um *cadaste*, que assenta sobre a continuação da quilha, e não tem aberturas ou xadrez, como os das lorchas ordinarias, pelo que a superficie da *porta* terá apenas a terça parte da dos lemes chinezes. Não desce o leme abaixo da linha da quilha, evitando-se a necessidade de o levantar segundo o maior ou menor fundo em que navegam as lorchas.

No de mais a embarcação modelo está armada como qualquer lorcha commum. Tem igual numero de mastros, porém embelesados o mais possivel á europea. Nas velas o systema de varas ou canas de bambú, e a multiplicidade de cabinhos e cordas, são os mesmos.

A experiencia mostra que o novo modelo de lorcha tem a vantagem de virar perfeitamente de bordo; na verdade não tanto como as lorchas ordinarias, mas na razão de outo para dez; isto é com mui pequena differença de celeridade. O leme nada influe no seu *deitar* quando anda á *bolina*, e o seu *abatimento* é menor do que nas lorchas chinezas. Conserva, porém, os defeitos devidos á forma do casco; como *bolinar* menos que os navios *redondos*, etc.

A nova lorcha tem linda apparencia, e tanto o seu proprietario, o dito sr. José Vicente Jorge, como o sr. C. Folqué Possollo, são dignos de todo o louvor, promovendo assim o aperfeçoamento, e por conseguinte, vantagens maritimas e commerciaes ás nossas lorchas, que são hoje a verdadeira base da prosperidade de Macau; porque dão emprego e trabalho, quasi o unico n'esta possessão, ás classes proletarias.

Em 1850, quando só havia umas 60 lorchas e os pre-

(1) Vide a pag. 52 do N.º 7 d'este jornal.

ços dos fretamentos estavam muito reduzidos, calculava-se em mais de 100:000 patacas, ou mais de 100 contos de réis, o producto geral do seu trafico para os habitantes de Macau. Hoje que o numero d'ellas tem triplicado, e os preços dos fretes e comboios subido ao duplo e a mais, julgue-se qual será a importancia que tem a nossa navegação na China, a que se pode chamar bellico-mercante.

Tambem occorreu agora em Macau outra circumstancia feliz para o trafico das lorchas. A repartição da capitania do porto, que tem a seu cargo a policia d'ellas, e que bastante pode influir para evitar muitas desordens e indignidades commumente praticadas pelos patrões das lorchas, o que tem concorrido não pouco para as desacreditar entre os chins e os europeus; aquella repartição digo, acaba de ser confiada ao sr. José Maria da Fonseca (tambem segundo tenente d'armada, de guarnição na corveta D. João I), por fallecimento do capitão do porto, P. J. da Silva Loureiro. Foi acertada e digna esta escolha do governador de Macau, que ouvimos fóra já confirmada pelo ministro da marinha.

Na verdade, quando Macau parecia estar a ponto de se perder de inanição ou de abandono, acontecimentos providencias vieram ainda conservar-nos aquelle florão da antiga coroa das nossas glorias.

Oxalá que o governo, não confiando ao acaso, que nem sempre nos será tão propicio, a conservação dos nossos dominios ultramarinos, olhe e proveja seriamente ás suas necessidades. Na parte militar, no numero e qualidade da força publica, carecesse em Macau de urgentes providencias. Um bom commandante como o que o governo acaba de enviar para ali, o digno coronel d'artilleria o sr. Mendes, não basta. Mal irá para aquelle estabelecimento, se não forem do reino enviados melhores elementos com que se organise o batalhão de Macau, que por mais d'uma vez tem posto a cidade em perigo de imminente anarchia. Outro assumpto ha ali de ponderação, que até por involver e prejudicar a dignidade nacional, está reclamando a mais seria attenção do governo.

São, porém, estas e outras considerações alheias ao objecto d'este artigo, em que só pretendemos noticiar o estado prospero da nossa possessão na China, que, por tão longinqua e limitada, não deixa de ter ainda bastante importancia. Muita mais, talvez, poderia ter, se, com habilidade, o governo da metropole tratasse de aproveitar as actuaes circumstancias da guerra civil no imperio, para estender o nosso dominio a toda a ilha de Heangshan (de que faz parte a pequena peninsula de Macau), cujo districto conta mais de 400:000 habitantes, dados activamente á agricultura e á industria. Tem bons portos e excellente situação geographica na embocadura do rio de Cantão. Fóra este, talvez, o melhor modo de assegurar o futuro d'aquella bella cidade, sem duvida a melhor da monarchia portugueza d'além mar.

C. J. CALDEIRA.

VIAGENS.

ILHAS DOS AÇORES.

*San-Jorge*, ilha estreita, mui escarpada, mui alta, carece pouco das demais ilhas; antes lhes fornece gado, madeira, telha, etc. Exporta annualmente mil pipas de vinho, (a maior parte para o Fayal) que é de excellente qualidade, assim como a aguardente. Quando estive nesta ilha, uma pipa de vinho ordinario, de quatrocentas canadas, valia pouco mais ou menos vinte sete patacas. O lado oriental da ilha é mui escarpado. Sua população orça por cinco mil habitantes. Em tempo de Forster, não se cultivava nella vinha; só lhe era conhecida a cultura do trigo. Isto prova, que desde quarenta annos a industria açoriana tem feito grandes progressos.

*Pico* é a maior, e a mais povoada ilha dos Açores (?) Ainda o volcão que lhe deu nome está em actividade: o cimo quasi sempre coberto de nuvens serve de barometro aos habitantes do Fayal. O Pico não tem cidade: ao Fayal envia suas produções. A natureza dividiu d'alguma forma esta ilha em duas partes; a de leste, similhante ás outras ilhas, é baixa, e unida; produz muitas castas de fructas, grão, e vinho: a de oeste, começa a elevar-se desde a beira mar, e constitue o volcão: o solo aqui é geralmente pedregoso e coberto de lava, mas tem por toda a parte vinha plantada com grande trabalho até á altura em que ella vinga. Para alli acarretam terra dos logares mais distantes: e ainda hoje a compram no Fayal, e a levam em cestos para os concavos dos rochedos, onde se quer plantar vinha. Para adubo das terras servem-se dos arrojões do mar (*sargasso*) á praia. A industria, animada pelo commercio, tem conseguido metamorphosear o mais esteril terreno da ilha em quintas, ás quaes todos os Açores devem sua prosperidade. Para as garantir dos ventos do mar cercam cada espaço de 500 a 2000 pés quadrados de muros de pedra em angulos rectos, da altura de um homem, e com uma só abertura por entrada. Estes muros e a nudez do solo dão ao paiz, quando está despojado da folhagem da vinha, aspecto extremamente triste. Entretanto não bastam a preservar as vinhas mais proximas do mar, do mal consideravel que o rocío faz ás cepas, quando florescem ou o fructo se ingendra. Este rocío é produzido pelas vagas: a violencia do choquo (delas contra os rochedos) as faz em pó, que o vento muitas vezes leva a distancia consideravel. Estando no Fayal, muitas vezes vi a cada golpe de mar, elevar-se a onda em

columnas de poeira. Succede mesmo, segundo alguns testemunhos dignos de fé, que grandes pedras arrancadas do fundo do mar são atiradas a cima das costas escarpadas.

O melhor vinho cresce na parte occidental da ilha. As vinhas quasi todas pertencem a habitantes do Fayal, um terço dos quaes passa para lá na epocha das vindimas. O vinho da parte oriental, converte-se em aguardente, na proporção de tres ou quatro pipas d'aquelle para uma pipa desta.

Aqui o mar prejudica as plantações dos insulanos industriosos; alli, calor subterraneo, que ataca e queima as raizes, torna por muitos annos estereis grandes districtos. Reduzidos a quasi nada, consideram-se os proprietarios de vinhas felices, se não experimentam effeitos mais desastrosos da visinhança do mar e do volcão. Ha oitenta annos que o Pico não vomita lava; mas os vestigios de suas antigas devastações inda são visiveis, e inspiram terror.

A parte do terreno ao pé do volcão, que inda se não pôde cultivar de vinha, inhames, ou trigo, está coberta d'abrolhos. O paiz é bem povoado: n'elle se vêem muitas e bellas casas de campo cercadas de jardins, algumas de negociantes do Fayal. Os cultivadores, que nas outras habitam, são homens vivos, acedados e bem contornados. Os camponeses do Pico não andam descalços como os das outras ilhas: seixos cortantes espalhados pelo solo os obrigam a servir-se de calçado de couro, cuja pele fica voltada para fóra. Os caminhos são mui desiguaes e cortados de ravinas profundas; muitas vezes passam por baixo de extensos subterraneos, e difficilmente os poderiam transpor carros europeus.

Quando, ao subir ao cume do Pico, se deixa o paiz cultivado, chega-se á região do mato, cuja elevação perpendicular sobre o nível do mar não posso determinar, falto de observações precisas; mas seus limites não são provavelmente os mesmos em toda a extensão da montanha. Esta parte da ilha contribue com muitas lenhas para o Fayal; e nella se criam gados. Mais a cima desaparece o mato, o arvoredado, e o resto do pico é nú e esteril. Um dos meus amigos me contou, que a subir e descer esta montanha se levavam dois dias; que já elle chegára nellá a mui alto, mas que apesar de todo o esforço nunca pudéra subir ao pincaro mais elevado: córtes escarpados, e um solo queimado e fragil lhe contrariára as diligencias, mas ainda assim gosára d'uma vista arrebatadora. Esta viagem não se emprehe de inverno, que então está o caminho coberto de neve e gelo, e fóra impossivel dar com elle; mas no verão derrete a neve, por que a altura do pico, que é apenas de mil duzentas trinta e oito toesas, não a deixa permanecer nesta latitude.

O pico de inverno está coberto quasi sempre de nebrinas; algumas vezes a corôa coberta de neve, alumada pelo sol, dispersando as nuvens sombrias, apresenta magnifico aspecto.

O Pico é a mais povoada das ilhas dos Açores (?) por que conta trinta mil habitantes.

Entre Pico e Fayal, e mui perto da primeira destas ilhas, ha baixos que se elevam acima d'agua. Dizem que os navios não podem passar entre o Pico e estes escolhos, e em geral se devem conter em distancia delles.

Continua.

#### TELEGRAPHO DAS LOCOMOTIVAS.

Applicando o principio, tão simples, e importante ao mesmo tempo, em que se funda a theoria dos telegraphos electricos, M. Bonelli, por uma invenção engenho-

sa acaba de a accommodar ás locomotivas, que percorrem as vias ferreas.

A noticia publicada pelo proprio auctor explica extensamente o mecanismo do invento.

Compõe-se este de uma travessa de ferro chata, fixada aos carris sobre isoladores de barro poucos centimetros acima do chão.

Um aparelho não menos singelo, no wagon occupado pelo conductor do comboi, estabelece a communicacão permanente entre a travessa e o telegrapho disposto no interior, em quanto a communicacão com o solo é feita pelo eixo do wagon, e pelas rodas, e carris.

Determinada a secção da travessa, e posta em relação com a largura do caminho de ferro, com o maximo das casas dos Telegraphos e dos combois, que podem correr simultaneamente, e com as dimensões do electro-motor, a corrente total, que parte da bateria galvanica não encontra outra resistencia externa, senão a do aparelho, d'onde sahe a noticia, mais a fracção de resistencia representada pela unidade dividida dos outros aparelhos, estabelecidos na mesma linha.

Sentimos, que nos falte o espaço para desenvolver com mindeza todas as circumstancias desta bella invenção, cujo alcance e utilidade todos apreciarão.

#### UMA OPERAÇÃO NOTAVEL.

Assistimos, ha dias, a uma operação de muita gravidade pela natureza e pelos effeitos, que n'outro paiz teria, desde logo, invadido as columnas de muitos jornaes paraphraseada e enfeitada com os maiores exageros e louvores.

Entre nós muitos d'estes factos passam desaperechidos: e os que os praticam, modestos de mais, satisfazem-se com o lisongeiro conceito dos seus amigos. ou só com o intimo convencimento, do que podem, e do que valem.

A cirurgia, que entre nós se acha tão adiantada como lá fora, acaba de enriquecer os seus annaes practicos com mais um successo feliz, devido a um dos seus filhos mais predilectos, e a um dos caracteres mais honestos da sua classe.

Tinha entrado no Hospital um desgraçado padecendo desde creança de molestia de bexiga, e que, se pode dizer, contava as horas de vida pelas horas de soffrimento.

Reconhecida a natureza da molestia e a sua origem, tratou-se de proceder á operação no dia 26 de Fevereiro e o Ill.<sup>mo</sup> sr. José Antonio Arantes, actual professor de Pathologia Externa na Escola Medico-Cirurgica, encarregou-se de a executar.

O concurso dos espectadores foi numeroso. Muitas notabilidades da classe compareceram, não só para presenciarem uma operação, que felizmente raras vezes se faz; como também para testemunharem o interesse e consideração, com que distinguem o operador, e que elle justifica pelo seu merecimento.

Rectificada a existencia do calculo pelas explorações apropriadas, seguiu-se o methodo lateralizado, e processo de Fr. Cosme; e, ainda bem não tinham decorrido tres minutos depois do primeiro golpe, já o doente, que a applicação do chloroformio tornára insensivel á dor, passava do leito da operação para a cama da enfermaria, livre da causa dos soffrimentos anteriores.

A natureza da operação é tal, que encarece-a seria fazer uma offensa á capacidade dos leitores. As pessoas, mais alheias mesmo á cirurgia, avaliam-na, e dão o devido apreço ao merito d'aquelle que tão feliz e rapidamente a executou.

Propondo-nos escrever mais devagar sobre os primeiros vultos medicos, abster-nos-hemos por agora das considerações, que nos suscitam o talento e o estudo do operador, apontamos o facto somente para que os amadores das cousas nacionaes possam experimentar o mesmo prazer, que sentimos, presenciando um acontecimento tão honroso.

No momento em que escrevemos estas linhas, o doente está no melhor estado, as probabilidades de cura são todas a seu favor, e contamos, em breve, que o seu testemunho insuspeito seja apresentado como um documento mais em abono do nosso professor e amigo.

R. PAGANINO.

#### O GENERAL BAZAINE. COMMANDANTE DAS TROPAS FRANCEZAS NA EXPEDIÇÃO ÁS BOCAS DO DNIEPER.

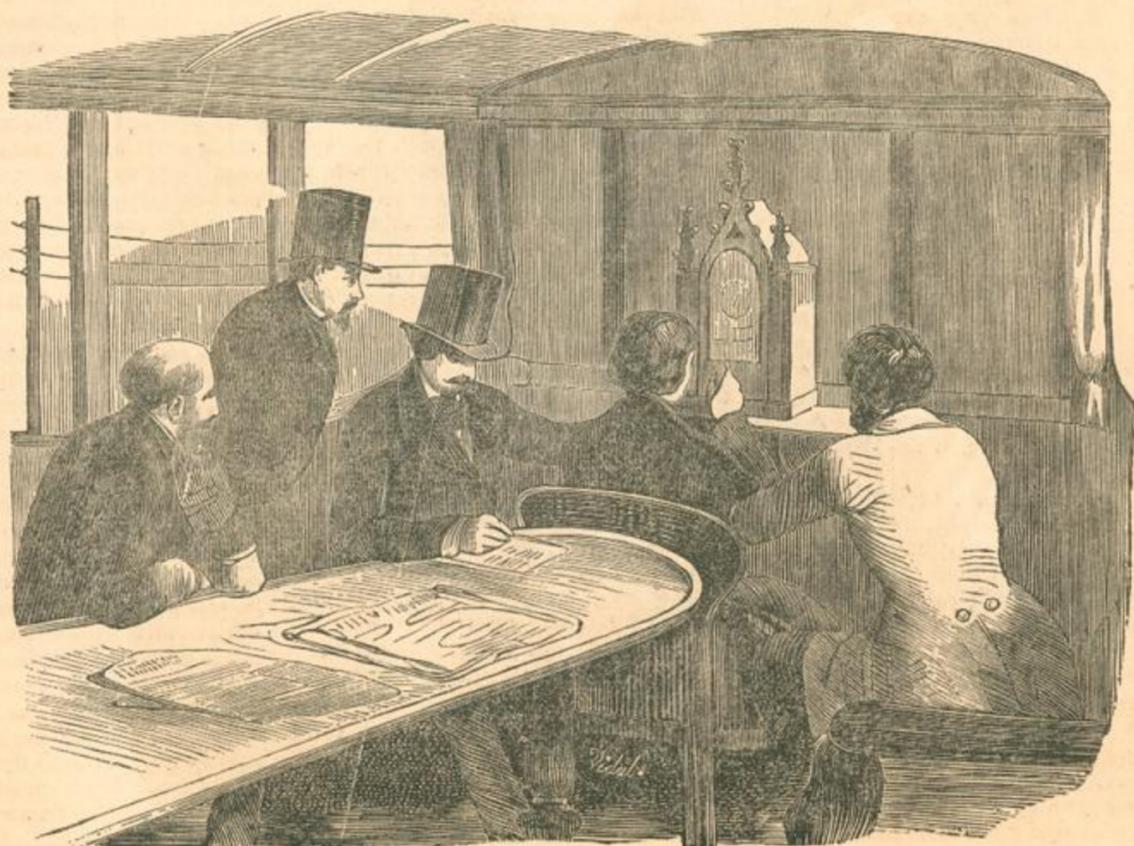
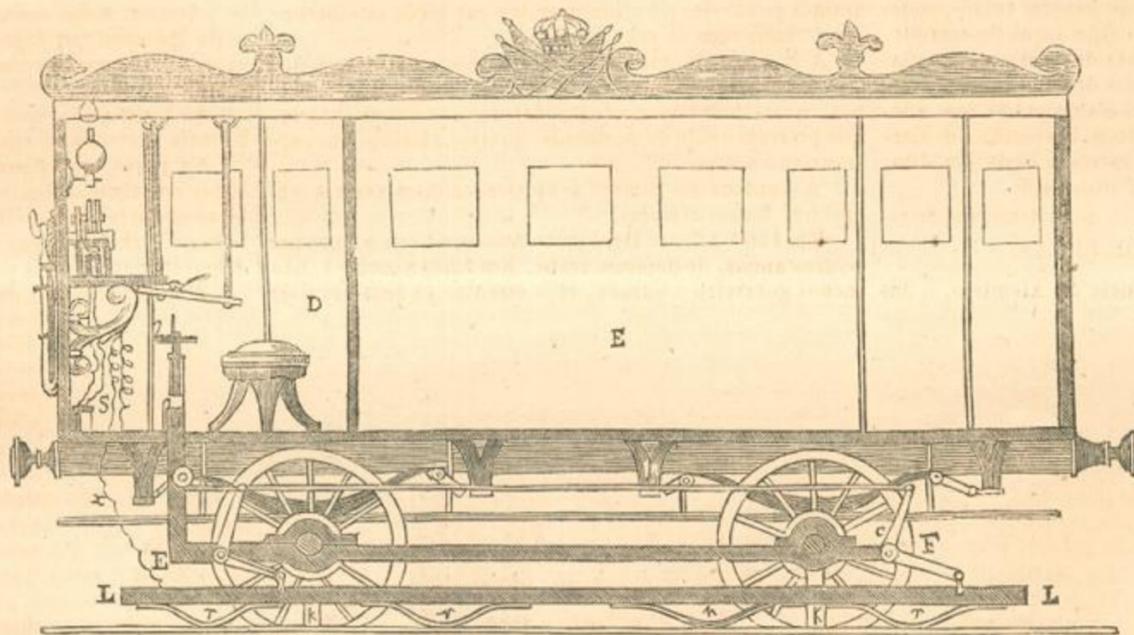
Filho de uma familia distincta nos annaes da engenharia civil e militar, Achilles Bazaine pôde citar-se como um brilhante exemplo do esplendor das armas francezas.

Nascido em 1811 cursou a escola polytechnica, e assentou praça de cadete em 1832, com vinte e um annos de idade. Logo que jurou bandeiras passou para o exercito de Africa, escola, donde saíram os officiaes mais notaveis, que honram hoje as aguias do imperio.

No fim de quatro annos de serviço, mereceu o posto de tenente e a cruz da legião de honra; e reunindo-se á divisão franceza auxiliar enviada á Hespanha, tomou parte na campanha da Catalunha, e durante ella colheu novos louros.

Em 1839 voltou á Argelia, com a patente de capitão, e entrou uas expedições de Milianah, Tlemecen, Marrocos, e Sahara, dirigindo pelo mesmo tempo o despacho dos negocios ara-

Telegrapho das locomotivas por Bonelli. — Córte vertical do wagon do Telegrapho.



Telegrapho das locomotivas. — Interior do telegrapho durante a operação.

des na sub-divisão de Tmeecen, e não concorrendo pouco pela sua capacidade para se conseguir a pacificação, obtida depois de ser aprisionado Abd-el-Kader.

Major em 1844, tenente coronel em 1848, e coronel do 1.º regimento da legião estrangeira, empregava-se na administração de Sidi-Bel-Abbés, quando o seu regimento foi designado para a guerra do oriente.

Os dous regimentos da legião estrangeira compozeram uma brigada, e o commando pertenceu-lhe de direito.

Chegando ao campo, defronte de Sebastopol, em outubro de 1854, distinguuiu-se sempre nos combates e fadigas, que caracterisaram o porfiado cerco da cidadella do mar negro; sendo mencionado com honroso elogio pela intrepidez com que se portou no assalto, que poz termo á lucta.

Bazaine nomeado governador da cidade de Sebastopol pelo marechal Palissier, foi promovido ao posto de general de divisão, logo depois, em 22 de setembro.

Em 7 de outubro seguinte marchou contra Kinbun, capitaneando o corpo expedicionario. É sabido o formoso feito d'armas, que enobreceu a empresa; e todos concordaram,

em que a habilidade e a decisão do general correspondiam á gravidade do encargo, e ás esperanças do exercito.

Bazaine conta apenas 44 annos de idade e é apontado como o mais moço dos generaes de divisão francezes.

Aos vinte sete annos já estava condecorado com a legião de honra, e com as ordens de S. Fernando e de Carlos III, de Hespanha. Eis uma carreira curta em dias, mas grande e bella em serviços e illustração.

L. A. REBELLO DA SILVA.

PRAÇA PUBLICA DE ELVAS.

A cidade de Elvas, na provincia do Alemtejo, é das



Praça publica de Elvas.

antigas povoações do reino uma das que pode ensoberbecer se mais com os seus brazões.

A historia da sua fundação perde-se nas trevas dos tempos, e desde os hebreus até aos cartaginezes, e romanos, quasi todas as nações poderosas e conquistadoras, que pisaram o solo da península, querem attribuir-se parte na sua origem.

A verdade só começa a apparecer com claresa em epochas menos remotas.

Em 116 Affonso Henriques desassombrou-a, mas por poucos annos, do dominio arabe. Em 1200 Sancho I, não menos guerreiro e ousado, veio assentar os seus arraiaes

la, e Terena. Pelos annos de 1750 contava 29 freguezias, perto de nove mil fogos, e 28:000 almas. Hoje Elvas é cabeça de concelho com 11 freguezias, 4:222 fogos e 14:000 visinhos.

As fortificações que a defendem reputavam-se como as mais perfectas, e custaram grossa despeza.

Na praça, que figura a gravura, levanta-se a Sé, em lugar eminente e central. O edificio religioso, visto de fóra, não arrebatava os olhos com os primores de cinzel e as bellezas architectonicas, que illustram outros templos, verdadeiros monumentos portuguezes.

A forma singular da sua torre é o que offerece de mais curioso externamente. Mas, entrando-se o portal, acha-se uma esplendida igreja de tres naves, sustentada em formosas columnas, fechadas por abobedas de laços e cruzaria.

O aqueducto de varias ordens de arcos por onde a agua corre para a cidade desprovida de nascentes proprias, é uma obra dispendiosa, e que nem sempre satisfaz ás necessidades dos moradores.

Passaremos agora a recordar algumas das datas mais caracteristicas da historia de Elvas.

Quando o marquez de Torrecusa a sitiou no anno de 1644, e se aproximou das suas muralhas á testa das tropas de Philippe IV, tinha principiado apenas a fortificação moderna, e o forte de Santa Luzia ainda não tinha sido arrematado.

A gentilisa e os brios da guarnição depressa desenganaram os castelhanos da temeridade, que haviam concebido, e o campo inimigo foi obrigado a levantar-se, recolhendo-se a Badajoz, em quanto os defensores da praça entre festivas salvas de canhão e de mosqueteria celebravam a retirada nocturna, que os desafogára de uma lucta renhida e disputada.

Mas este revez não desanimou as esperanças dos hespanhoes; e apesar das difficuldades, com que estava a braços, o gabinete de Madrid não esquecia a affronta, e preparava-se lentamente para a vingar. Finalmente, a 22 de outubro de 1658 um lusido exercito de 14 mil infantes, e 5 mil cavallos, bem provisionado de artilheria e de transportes, avisinhou-se da praça, tractando de leve a valentia que o esperava para responder com um grande feito ás ameaças, com que a flor da nobreza castelhana, presumindo victorias, não cessava de entreter o seu enthusiasmo.

O governador, D. Sancho Manuel, da casa de Villa Flor, immortalisou o seu nome na defessa, e o conde de



Modas.

Cantanhede, ganhando contra D. Luiz de Haro a batalha das linhas, e salvou a provincia fazendo-lhe levantar o cerco. Foi o ultimo rasgo militar mais notavel,

Na praça principal, representada na estampa, o pelourinho de marmore de uma só peça, a Sé de que acima tractamos, e o paço episcopal são os edificios e monumentos que mais attráem a vista.

L. A. REBELLO DA SILVA.

### A HERANÇA DO CHANCELLER

COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO LYRICO.

POR

J. S. MENDES LEAL JUNIOR.

Entre os monumentos litterarios do nosso seculo, figura de certo como um dos primeiros, a *Herança do Chancellor*, de Mendes Leal. É sabido como os Autos Sacramentales da meia-idade, deram origem ao theatro moderno na Europa, fazendo na infancia da arte o officio que entre os gregos tinha feito o Carro de Thespis. Aquellas representações grosseiras, meias ao divino, continham nos seus rudimentos o germen das mais altas creações, a que neste genero se tem elevado o espirito das novas idades. Antes dos autos, tragicomedias e chacotas de Gil Vicente, apparecem já nas tradições monachaes os vestigios de taes composições, vestigios perpetuados até hoje, por uma successiva degeneração, nas figuras que ainda actualmente se observam na capital e sobretudo nas provincias, em algumas procissões, com verdadeiro escandalo da gravidade religiosa.

Gil Vicente porém foi o primeiro que deu a estes lineamentos imperfeitos, uma apparencia de regularidade e de acção muito superior n'isto, como na belleza da metrificação ao seu rival castelhano Juan d'Encina. Gil Vicente, poeta lyrico de primeira ordem, faz-se admirar principalmente pela riqueza da allegoria, pela abundancia e liberdade da vèa satyrica, e não menos pelo colorido imaginoso. A comedia redondilha com que fez as delicias do seu tempo, creou uma escola caracteristica nacional, e teve apenas entre nós poucos e immediatos seguidores, mas em Hespanha elevou-se a uma grande e esplendida altura: — é a escola peninsular.

Ouçamos o que neste assumpto diz o nosso auctor na sua dedicatória ao joven rei, escripta na linguagem franca e livre em que um homem de consciencia se dirige a um monarcha intelligente: — «na outra parte da península a abandonada herança, fecundada em composições immortaes, alargou a gloria das letras castelhanas a par do esplendor das suas armas. O mesmo sentimento que faz pulsar de orgulho o coração de todo o hespanhol ouvindo o nome de um Pelayo, lhe accende nas faces o rubor do entusiasmo vendo as gerações espirituas de todas as litteraturas prostradas diante do vulto de um Calderon.»

Effectivamente a comedia d'este genero, fez fortuna entre os nossos visinhos e desinvolvendo-se progressivamente perpetuou-se em padrões dos quaes alguns ficaram immortaes. A planta nascida e creada em Portugal, morrera todavia para este paiz e a sua falta no quadro da nossa litteratura accusava a nossa incuria. Mendes Leal resuscitou o genero. Antes d'elle Cascaes, tinha feito uma tentativa de outro genero com os *Turcos e Russos*, farça em verso; mas essa pertencia á musa jovial em que brilhou José Daniel, e que produzioos *Dois Mentirosos*, e não á arte que Gil Vicente, inaugurou e illustrou. Confessa-o o proprio author da peça referida, um dos homens de mais intieira e nacionalidade n'esta terra.

Antes de aventurarmos o nosso juizo sobre a *Herança do Chancellor*, faremos uma observação que julgamos necessaria e que explica o motivo por que o exito na scena não correspondeu ao valor da obra. O publico deleitou-se por vezes, applaudiu outras; mas na generalidade, não comprehendeu todo o alcance d'esta criação.

A *Herança do Chancellor*, está n'uma altura a que poucos attingem. As bellezas de que se compoem, não é dado a todos avalial-as. Mendes Leal, escrevendo-a, olhou mais a fazer um modelo de arte, do que a attrahir os applausos banaes da turba. Era mais para ser julgada por um auditorio especial e escolhido, do que para satisfazer ao espirito geral das platéas. Olhou mais á concepção intellectual, do que ao mecanismo scenico. Esmerou-se mais nos traços artisticos do que nos lances de surpresa. Que sabia enthusiasmar e captivar a multidão já o tinha provado em diversas occasiões; d'esta vez sacrificou estas glorias que morrem quasi sempre ao cahir do panno, se não as ajudam mais solidos meritos, á verdadeira gloria litteraria que vai á posteridade.

O enredo da *Herança do Chancellor*, não é descuidado e fróxo, como acontece na maior parte das comedias em verso, polo contrario é variado e cheio de interesse, mas residindo quasi todo no dialogo, depende d'uma attenção, quasi impossivel de encontrar n'uma platéa, a não ser alemaã. É por isso que a menor distracção affasta logo o expectador do fio da acção, e, perdido este, difficilmente a poderá prender de novo e segui-lo.

Na *Herança do Chancellor*, levanta-se o panno sobre uma situação nova e original que não deixa advinhar a comedia, fazendo antes presentir o drama. É este um rasgo que dá logo a medida da vèa áttica de Mendes Leal,

despertando a hilaridade, com um incidente que todos se prepararam a lastimar.

Cosmo, o heroe de todo este episodio, jaz estendido n'um almadrague, tendo a seu lado Lopo, estudante dos Geraes, o amigo intimo do besteiro e como que seu filho adoptivo. Tudo ali respira tristeza. Um defunto e um homem entregue a uma dôr desesperada. Não é isto realmente um festivo principio de comedia? Mas esperac. Lá batem á porta, o mancebo sac do lethargo em que a angustia o prostrou e vai abrir. Entra uma caterva de typos truanescos, vociferando pragas e cobrindo de baldões o pobre soldado. Observai-os: em cada um d'aquelles perfis vereis uma feição caracteristica do tempo; no quadro todo descortinareis a epocha. Mendes Leal investigou diversas figuras populares e reproduziu-as ao daguerreotypo. Em Aldonça Vaz, a regueifeira, em Brites Chamóá, a ex-carpideira, e em Cybrão Nunes, o jubeteiro, vivem tres classes marcadas fortemente do sello comico; é o primeiro degrão na escalla d'uma sociedade que vereis em breve. Cada um d'estes caracteres tem extremamente vivas as côres que lhe são proprias. São, nem mais nem menos, os credores do defuncto. Eil-os deplorando não a morte do infeliz; mas a credulidade d'elles. Falta só o judeu, entidade indispensavel em tal epocha. Não tarda. Eil-o. Está completo o congresso. As veneraveis matronas não achando no espolio do morto nada com que possam reembolsar o perdido, levantam-se contra o judeu e attribuem-lhe todas as desgraças, jurando vingar n'elle, o que não podem haver do outro. O moço Lopo indignado detal sacrilegio, quer forçar todos a sahir, e a turba nem sequer precisa ser obrigada, por que fugindo-lhe Ananias, a victima designada, rompem por ali fóra em sua perseguição.

Cosmo n'este momento ergue-se e estendendo a mão a Lopo, agradece-lhe a imprecação que soltou em vista d'aquella scena que julgava uma profanação. Este benze-se, pensa que é alma penada, e hesita em acreditar tal ressurreição. O besteiro explica-lhe então como é seu habito morrer nos lances apertados, e como é já a terceira vez, que se acha defuncto!

Na conta dos meus enterros  
O terceiro é já... com este,  
Quando começa a agonia  
D'uma existencia pezada  
Corta-se a vida passada  
E outra nova principia.

D'esta vez Cosmo converteu-se em Ruy. Só assim poderia viver socegado, por que segundo elle proprio confessava.

Mal saía tinha logo  
De credores um cortejo,  
Que seguindo-me sem pejo,  
Me punham ás faces em fogo.  
Não me podendo suster  
N'esta perpetua batalha  
Para evitar a canalha  
O remedio... era morrer.

Lopo.

E tres as mortes já são  
Que passaes d'essa maneira?

Cosmo.

Em Africa foi a primeira. —  
Era melhor tempo então!  
Atacou-me com mais dous,  
Um Berebère guerreiro:  
Elle matou-me primeiro;  
Mas eu matei-o depois.

Lopo na força da expansão que lhe rebenta do peito, revela ao unico amigo que lhe resta na terra os amores que este já advinhára.

Os seus olhos são dous astros,  
Que dão amor e desmaios,  
Vertendo languidos raios  
D'entre os curvos alabastros.  
Rubros labios de carmim,  
Louras tranças sem segundas,  
Dous rosas pudibundas  
Sobre faces....

Cosmo.

De setim. —

A donzella que assim captivou o coração do mancebo, é Branca da Cunha, a filha do Chancellor João das Regras, e para a merecer jura ir buscar nos livros a sciencia, e, igualando o saber do pae, pretende tornar-se digno da mão da filha. O soldado que lhe conhece a origem e sabe o sangue que lhe corre nas vèas, brada-lhe assim ao entusiasmo que tem a certeza de accordar, e com o fim de o levar a outra carreira mais conforme com o seu nascimento.

..... Cantando amores  
O meu Lopo, o meu poeta,  
Vestir a negra roupeta  
De inda mais negros doutores!  
Não bem dizes. N'essa espada,  
Crava os olhos, ergue a fronte:  
Não fitas outro horisonte?  
O sangue não te diz nada?

E Cosmo conta ao pobre estudante como um rico e illustre senhor se perdera de amores por uma donzella de desigual condicção, e como o destino os separára no momento em que Deus dava a ambos um fructo clandestino da sua infeliz paixão. A guerra ateadada entre Hespanha e Portugal, obrigou o mancebo a ir combater pelo Mestre de Aviz e a donzella a seguir a Castella seu pae. Ajustadas tregoas, a saudade d'aquella que lhe levára o coração, a dôr profunda que o dilacera na ausencia, fal-o esquecer o preito dado, e as ordens severas de el-rei que prohibem communicar com Hespanha, e corre a levar a mão de esposo á desgraçada mãe. A fatalidade oppõe-se a que realice este dever sagrado: quando chegou a misera... «era morta.» O desterro e o confisco haviam castigado a sua culpa. Tinha perdido tudo, esperanças, fortuna e consideração. Deus tinha-lhe roubado a mulher que amava; el-rei tinha-o condemnado a elle e a toda a sua geração. A dôr foi tal que o matou; mas antes de exhalar o ultimo suspiro transmite a Cosmo a sua derradeira vontade ácerca do filho que deixa orphão!

«Aproxima-se a agonia;  
«Antes que a morte me tome  
«Quero deixar-lhe o meu nome;  
«Talvez lhe sirva algum dia.  
«Busca-o, véla-o. Eis um acto  
«Que por filho o reconhece.

O besteiro cumpriu a promessa; o ultimo legado do cavalleiro foi recolhido no coração do soldado.

Ha coincidencias notaveis que na vida parecem destinadas a duplicar os tormentos e tornar mais fundas as dôres. D Branca da Cunha, filha e herdeira do Chancellor João das Regras, a quem a mercê de el-rei D. João doára os bens confiscados a D. João Soares, o pae de Lopo, é justamente a donzella por quem o estudante se apaixonou.

Cosmo não vacilla como se vê, nem desespera nunca. Empenhado n'uma sagrada missão, affronta todos os obstaculos. investe com todas as difficuldades, recorre aos mais ousados ardis, luta pelo espirito, pela sagacidade, pela temeridade mesmo; arrisca tudo finalmente para vencer. A propria subtileza de Pedr'annes Lobato, um dos finos politicos da escola do Chancellor, e tutor de D. Branca, não o intimida. Desinvolve a ainda maior e consegue aproximar os dois amantes, introduzindo Lopo em casa do Governador do Civel, de quem sabe que destina a donzella a Fernão Vieyra, mancebo inexperiente, a quem prendem outros amores, e que violentado a este casamento se acha involvido n'um equivoco de nomes, que leva Pedr'annes Lobato, a tomar Fernão Vieyra por Lopo Soares e vice-versa. N'este equivoco estão muitas peripecias de comedia e de boa comedia, dando lugar a situações extremamente comicas.

Resta a Cosmo alcançar que o novo rei D. Duarte, revogue o rigor da sentença dada por seu pae, e que a herança do Chancellor vá ao seu legitimo herdeiro; e para esse fim toma uma resolução suprema, aproveitando o momento solemne da aclamação do monarcha!

Eu proprio, sim. —  
Em Ceuta, em Tuy, não tremia...  
Mas, vendo tal fidalguia,  
Cuido que tremi por fim.  
Todos ali se ajuntavam  
Para gloria d'esta terra;  
E os de França e os de Inglaterra  
O novo rei acatavam!

Lopo.

Ah! Cosmo, foi muito ousar!

Cosmo (para elle).

Os momentos annos eram.

(continuando para todos)

Levar-me d'ali quizeram,  
Mal el-rei quiz-me escutar.  
Eu bem sei, por vida minha!  
Que arrojado foi, desmarchado,  
Entre gentes d'alto estado  
Metter-se quem nenhum tinha!

(para Branca e Lopo que escutam avidamente)

Mas julguei vêr dois felizes?

(continuando para todos)

Rasgo a estamenna, algo a voz  
E não tendo vinte avós...  
Mostrei vinte cicatrizes!  
El-rei, douto e sabedor,  
Que as letras e as armas preza,  
A taes brazões de nobreza  
Não nega o justo valor.  
As provas lhe apresentei,

(tira os papeis e mostra-os)

Do teu nome e teu estado,  
Pedi, suppliquei prostrado,  
Disse... o que disse não sei.  
El-rei... que rei!... como um pae  
Ilumina a fronte austera  
E a magestade tempera  
Com a bondade que attrae!...

El-rei disse: « A aclamação  
Tambem quero celebrar! »  
E os bens te manda entregar,  
E completa-te o perdão.

Tudo isto se enlaça, se enreda, se complica e se des-  
envolve naturalmente, sem falsas evasivas, sem inverosi-  
milhanças, com mão habil, e com verdadeiro espirito. A  
parte comica está nas situações; estas nascem do dialo-  
go, e vivem nelle.

Continúa

ERNESTO BIESTER.

## A UM RETRATO

## I

És tu sim, o mesmo olhar,  
A mesma ardente expressão,  
Com que teus olhos sabiam  
Tão habilmente occultar  
O gello do coração!

Viva, inteira, palpitante,  
Estás aqui, salve a mão,  
Que pode estampar na tella  
Com tal arte o teu semblante!

O que fascina em teu ser?  
Agora que eu posso ver,  
Vejo bem que não és bella;  
Quem fôr buscar no teu rosto.  
A severa correccção,  
Que esta palavra revella,  
Tirar feição, por feição...  
Não pôde achal-a bem sei,  
Oh! mas n'essa viva luz  
Que teus olhos illumina,  
Ha de achar como eu achei,  
O fogo que nos seduz,  
A chama que nos fascina!

## II

E agora vaes escutar,  
Agora que a providencia  
Piedosa me quiz salvar,  
D'essa fatal influencia, ...  
Vão saber como te amei!

Não é somente da gloria,  
Das illusões da ventura,  
Que é doce narrar a historia,  
Repassando na memoria,  
Tantas scenas de amargura,  
Vendo-as saltar palpitantes  
Ante meus olhos agora,  
Em todo o esplendor sinistro  
Da vida que tinham d'antes.  
Sabes tu? grande na dôr,  
Ao ver de quanto é capaz,  
O coração se compraz!

Sim, medindo o soffrimento,  
Do martyrio atroz e lento,  
Que me trouxe teu amor,  
S'inda atterrado contemplo,  
As crenças que foi depor  
Sobre as aras d'esse templo,  
A dor do arrependimento  
Ha-de salvar-me da culpa  
Ante os olhos do Senhor.

## III

Ai de ti! mil vezes mais  
E's tu desgraçada agora:  
Vives, reinaste uma hora,  
E com que imperio... jámais,  
Em delirio o pensamento,  
Te fez julgar adorada;  
Como eu te adorei—jámais.

Ninguém n'este mundo ousara  
Erguer a mão para um culto,  
Tão santo como eu criara.  
Foste tu que cega um dia,  
Por loucura e por vaidade,  
As crenças que n'elle via  
Destruíste sem piedade!  
Punida estás, bem punida!  
Sabe pois, que amor do céu,  
Amor como foi o meu,  
Encontra-se um só na vida!

## VI

Inda ao ver-te... porque não...  
Porque t'ó devo occultar?  
Este morto coração  
De novo sinto pulsar  
Dentro do peito agitado.  
Em fim se o destino agora  
Não quer que possa existir,  
Da esperanza do porvir,  
Deixal-o existir—embora

Da saudade do passado.  
Esse é meu como tu foste  
Na illusão de tanto amor.  
E tu mesma, tu que um'hora'  
Com semblante mudo e frio,  
Lhe dissés-te o extremo adeus...  
Com quanto remorso e dor  
Has de ter rogado a Deus,  
Perdão de tal desvario!  
E dizes tu qué ao dever  
Sacrificaste a existencia,  
E sujeitaste o meu ser!  
Pois ha dever que no mundo  
Que aos olhos da providencia.  
Possa mais alto valler,  
Do que aquelle amor profundo  
Que tu fizeste nascer?!

## V

Quando foi?—vivo o momento,  
E quanto então nos cercava,  
Existe em meu pensamento, ..  
Era á tarde, o firmamento  
De nuvens se carregava,  
E nos fragedos da costa,  
O mar soturno quebrava,  
Pelos ardores do estio  
Queimado e deserto o campo  
Tudo era triste e sombrio.—  
Olhei-te, e vi n'esse instante,  
Que assumira o teu semblante,  
Aquella mesma expressão,  
Que de toda a natureza  
Fatal respirava então.  
Pausada, lenta, glacial.  
A tua voz respondia,  
A tudo que eu proferia;  
Depois evocando o Eterno,  
Em testemunho do bem,  
A que o dever te impellia—  
Tirando os olhos dos meus  
Dissés-te-me um frio adeus!

Cuidaste sacrificar,  
A Deus em tua loucura,  
Sem ver que foste apagar  
A chama d'essa ternura  
Que só elle pôde dar...  
E te atreveste a tentar,  
O poder do Creator,  
Na obra da criatura!

Ai de ti! mil vezes mais  
És tu desgraçada agora?  
Viveste, reinaste uma hora,  
E desse imperio—jámais  
Na terra serás senhora!

Fevereiro de 1856.

BULHÃO PATO.

NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E  
CRENÇAS POPULARES.

(Continuado do n.º 8.)

## A PROMESSA.

## CONTO PRIMEIRO.

## I

Conheceis o alto Minho? Conheceis esse vergel de Por-  
tugal, accidentado de montanhas que se recortam suave-  
mente n'um horizonte transparente e puro; com os seus  
vales sempre vestidos e esmaltados de mantos de verdu-  
ra; recortado de riachos e arroios que levam o frescor, a  
vida, a seiva, e o brilho a essa vegetação que desabrocha  
e pullula esplendida, vivaz, attractiva e enebriante pela  
encosta dos montes, pelas fendas dos penhascos, no topo  
das collinas, no mais recondito e fresco dos vales?

E os seus alcantis e serranias, cujos pincares perpe-  
tuamente toucados da neve de cem invernos, semelham vi-  
sões gigantes envoltas em vestes alvaças que se agitam  
e transformam ao impulso e variação dos ventos, como im-  
pellidas por um poder occulto e mysterioso!

E essas torrentes de agua, que se desatam em cachões  
extorcendo-se e espadanando pelas quebradas dos serros,  
formando aqui fantasticas catadupas, cujo susurro povoa  
a grutta proxima de mil éccos que gemem ao longe em  
conflicto sinistro; ali nascentes espumosas que cegam com  
a nevoa que levantam e onde se refrangem todas as formo-  
sas côres do prisma; mais além cachociras despenhando-  
se com estampido horrendo e revolvendo-se gemebundas  
como serpe monstruosa que se debate em colos infinitos  
por entre os fragedos e anfractuosidades da vertente, até  
ir parar ao mais fundo do vale, onde ainda murmura,  
surda e lugubre, como a escuridão que a rodeia!

Não conheceis toda esta parte, a mais formosa e poe-  
tica da nossa terra? Aquella onde a natureza, com toda a  
pompa da sua opulencia, com a sua multiplicidade de phe-  
nomenos, com todos os seus caprichos e esplendores, mys-

terios e metamorphoses, sorri á imaginação ardente, su-  
persticiosa e criadora do nosso povo do norte?

Pois se não conheceis, não conheceis o melhor de Por-  
tugal. O Minho é a Cintra da Peninsula, porque as galas  
de uma primavera continua o vestem e enfloram perpe-  
tuamente; e é ao mesmo tempo o nosso paiz de Galles, a  
nossa Suissa, a nossa Bretanha, a nossa Escossia, pelas  
rissonhas ficções e crenças lindas que arrebatam a fanta-  
sia de seus habitantes a esse mundo de superstições e idea-  
lidades em que mais se engrandece e poetisa o viver e sen-  
tir moral do um povo.

## II

Estamos n'uma tarde de julho do anno de 1812.

Este anno e este mez são notaveis porque foi por es-  
tes tempos que se viram succeder alguns dos mais tremen-  
dos e decisivos conflictos da guerra peninsular.

O assalto e tomada de Badajoz é um dos feitos que re-  
commendam esta era á memoria dos amantes das nossas  
glorias militares e da independencia da Peninsula.

Era, pois, ao cair da tarde de um dos dias que pre-  
cederam de perto a quédia da praça hespanhola.

O sol acabava de se esconder por detraz dos ultimos  
pincares da serra de Gerez; mas a claridade affoguada  
que inundava ainda aquella parte do horisonte, refle-  
ctindo-se nos topos dos serros toucados de neve, destaca-  
va delles mil jogos prismaticos de luz, que davam um cer-  
to tom fantastico á scena que se desenrolava á vista.

A meio da cordilheira, sobre duas penedias alpestres  
e erguidas, que se talhavam a pique e fronteiras uma á  
outra como dous gigantes que corresse a estreitar-se  
n'uma lucta tremenda de braço a braço, via-se passar a  
ponte do Rio Caldo, quasi tão famosa no paiz como a  
ponte de Inferno na Suissa, porque a sua historia tem  
sorrido cheia de tradições e de desastres que a povoam  
de mil terrores.

O viajante jámais a passa que se não sinta ameaçado  
dessa terrivel vertigem que muitas vezes o arremessa ao  
mais fundo dos precipicios. A sua immensa altura, as  
aguas do rio que se revolvem gemendo e soturnas lá no  
mais escuro e entranhado do vale, fazem que este sitio se-  
ja até olhado com pavor pelas camponezes, que passando  
longe o apontam receiosos e persignando-se.

A dous tiros de espingarda da ponte, quasi a despe-  
nhar-se da serra, affogada entre penhascos e pinheiras,  
alvejavam as casinhas de uma pequena aldeia; e não lon-  
ge, n'uma assomada que descobria largo para o poente,  
um casal que, pela apparencia, parecia ser do mais abas-  
tado lavrador do sitio.

Junto ao portão deste casal, affagando um tremendo  
rafeiro, estava uma rapariga dos seus dezeseis ou dezoito  
annos, trigucira, de olhos vivos e em cuja physionomia  
transparecia a mais indizível expressão de candura.

Uma inquietação interior a preoccupava e se manifes-  
tava em todos os seus gestos.

Ora se erguia do degráu do portal, ora corria para a  
extremidade da assomada, ora alongava a vista para o lado  
onde se via correr a estrada, ora voltava ao seu poiso e  
continuava a affagar o seu companheiro, que, espetando  
as orelhas e açoutando as ancas com a cauda, parecia par-  
tilhar das mesmas anciedades e esperanças que traziam  
tão alheia de si a bella aldeia.

Esta aldeia era Emilia, a mais formosa serrana do Ge-  
rez, a flor mimosa da sua aldeia, a filha querida de um la-  
vrador dos mais ricos d'aquelles arredores.

—Não ha que esperar. Ainda hoje não verás teu do-  
no, meu *Arrogante*!... exclamava ella, acariciando o cão,  
depois de ter olhado por alguns minutos para o fim da es-  
trada. Já hontem devia chegar, e nem hontem nem hoje.  
Vai para meia hora que o sol desappareceu além da serra;  
a noite não tarda, e sem sentir nem sequer signal. Quem  
sabe se o regimento tomara por outra estrada?... Não pô-  
de ser. O caminho é este. É que não vem.

E uma inflexão de profunda melancolia avivou esta  
phrase do soliloquio de Emilia.

De repente, *Arrogante* ergue-se; empina-se nas pa-  
tas dianteiras, dilata as orelhas, fita os olhos faiscentes  
em sua dona, e solta a ladrar.

Um som estranho tinha despertado o animal: era uma  
musica marcial que mal se ouvia ao longe.

—Ah! musica! musica! brada a aldeia, louca d'ale-  
gria. É elle! Agora é de certo! Ainda tu a sentiste pri-  
meiro que eu; continua ella, largando a correr pela en-  
costa abaixo. *Arrogante*, pullando veloz como um gamo,  
seguia-a de perto, sempre ladrando.

A musica que a principio ferira apenas o ouvido pre-  
sentido do animal, foi-se pouco a pouco aproximando e  
destinguindo. As quebradas da serrania respondiam áquel-  
les sons festivos, reproduzindo-os em mil éccos. Passado  
um quarto d'hora já não era uma toada indistincta e es-  
cura que accordara o silencio dos vales, era uma marcha  
guerreira que se ouvia claramente e que accendia o ani-  
mo dos que a escutavam.

Um regimento passava proximo da aldeia, ao longo da  
estrada cortada na baixa da serra.

Emilia já o não podia distinguir, porque a noite cer-  
rara de todo; mas a sua alma dizia-lhe melhor que os pro-  
prios olhos tudo que se passava. N'esse vulto negro e com-  
pacto que apenas se enxergava como uma massa informe  
que enchia a estrada de lado a lado, avançando sempre,  
havia tambem um coração que palpitava de esperanza e

anciedade. Um presentimento lh'o dizia, e os presentimentos nos amantes são sempre pronosticos que não enganam.

Continúa. ANDRADE FERREIRA.

#### A PONTE NOVA DE COLONIA.

Entre as obras de arte, que tornam credora de exame a linha ferrea, recentemente executada de S. Quintino a Erquelines, cita-se com elogio o viaducto de la Selle, proximo de Coteam-Caubresis.

A ponte, que a nossa estampa representa é um complemento digno dos trabalhos emprehidos pela companhia franceza. Lançada sobre o Rhin, que neste lugar corre ainda largo e magestoso, a nova ponte ha poucos mezes que foi solememente inaugurada pelo rei da Prussia, para ligar Deustz e Colonia, isto é a Allemanha do meio dia com a Allemanha do norte.

Imitando a bella innovação introduzida na ponte de Bercy pela Franca, a de Colonia, gigantesca, e construida com uma celeridade rara, será atravessada ao mesmo tempo pelo caminho de ferro, pelas diligencias ordinarias, e pelos passageiros a pé aos quaes offerece commodo pizo.

Resguardados do sole da chuva, os viajantes e os curiosos á sombra das suas arcarias cubertas, poderão recrear os olhos na formosa vista, que representa o rio perdendo-se nas arcias, que elle mesmo accumula, depois de se desentalar em cascatas de espuma dos rochedos, que debalde tentam demorar-lhe o passo.

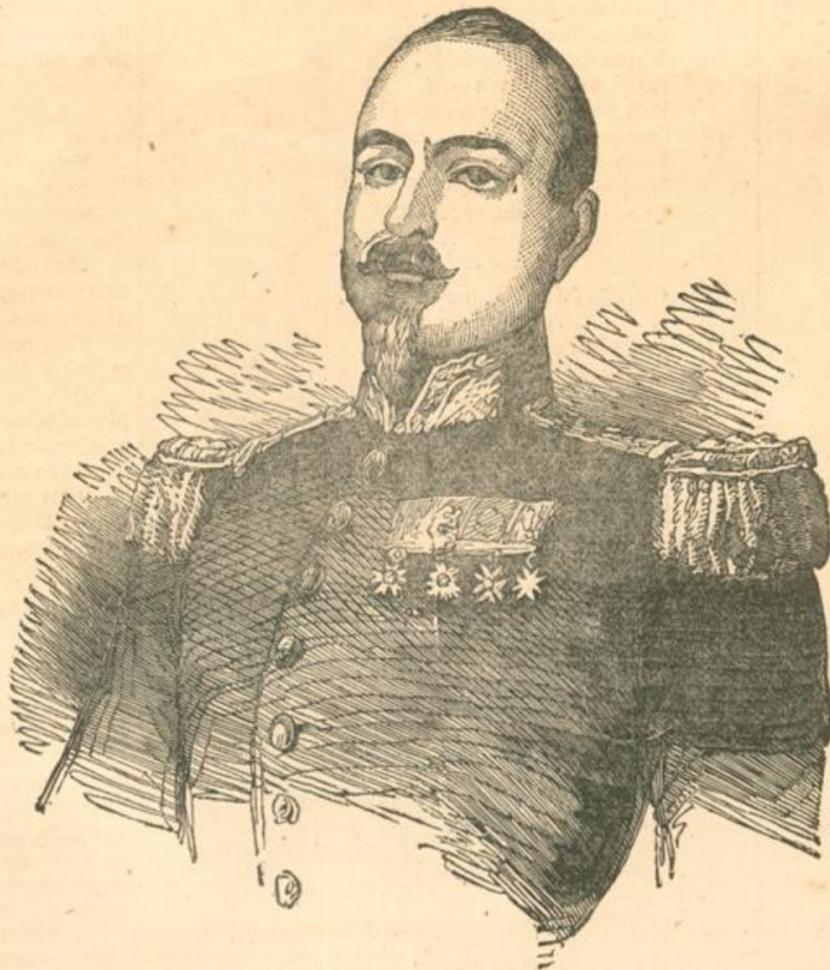
L. A. REBELLO DA SILVA.

#### CHRONICA SEMANAL.

Não sabemos a que attribuir esta ociosidade ou somnolencia em que a musa patria vegeta a algum tempo! Será a influencia mais que prosaica desta epocha, ou este sol que nos alumia terá menos ardentes os seus raios, que já não escaldam a imaginação dos nossos poetas? Todos deposeram as lyras. Bons e máos cavalleiros, todos abandonaram Pégaso, privando-nos de assistirmos ás desastrosas quedas de uns, e aos triumphos brilhantes de outros no poetico torneio. Tudo ou nada, é a nossa divisa. Chegou a ser mania o fazer versos; os vates eram ás dúzias, mas alguns trechos lyricos que appareceram, indemnizavam-nos lisongeiramente de tanta vulgaridade que tornava plebea a musa. Mas tudo tinha o seu merecimento; uns deleitavam-nos, outros adormeciam-nos. Hoje faz-se politica e contraem-se emprestimos, inventam-se homens de estado e improvisam-se financeiros. O peor é que com esta nova epidemia, não se lucra nada, perde-se tudo.

É porém fora de duvida que a poesia raréa entre nós; a apparição d'uma obra lyrica é hoje um acontecimento notavel. Só uma forte impressão e uma dôr profunda, podiam despertar o sentimento poetico no coração de dois dos nossos primeiros poetas lyricos, envolvidos como estão nas contendas diarias da imprensa periodica, em que se debatem miserias e ridiculos, capazes de achatarem as mais pronunciadas bossas poeticas.

Mendes Leal, apenas entoou um cantico sobre a lage de um tumulo, ao contacto frio do marmore e inspirado pelo doce amargo espinho da saudade: só um grande pezar e um religioso culto lhe fizeram vibrar as cordas da



O general Bazaine.

lyra, para logo emudecerem. João de Lemos, foi debaixo das ruinas de Colysseu que soltou os vóos arroçados da sua phantasia, fazendo reviver n'um poema, os vultos seculares, que ali dormem no pó!

Coincendencia notavel; ambos os poetas se inspiraram em frente de campas funerarias! João de Lemos, recordando esses colossos que dominaram os seculos e de que a historia falla: Mendes Leal apontando o que ha de assignalar litterariamente este, e figurar vantajosamente naquella!

Tivemos a ventura de ouvir lér *Uma Noite no Colysseu*, a João de Lemos, e a impressão que nos causou, foi bem viva e profunda. Contar-lhe as bellezas era impossivel, tantas são ellas, e tão deslumbrantes; aprecial-a ainda menos, só tivemos tempo de admirarmos os raptos brilhantes em que abunda. N'uma leitura rapida não se pode avaliar mais que a grandeza da concepção, e o fogo poetico que a illumina. É uma epopéa rica de vigor, de acção e de colorido. É um monumento de arte attestando outro.

Sabemos que João de Lemos tenciona conservar a inédita, reservando a sua publicação para o volume de poesias que vae imprimir. Era tempo. Esta resolução que tanto elle, como Mendes Leal, agora tomaram, não tem

desculpa de o não haverem já feito, e todos estão anciosos por ver taes livros, que serão dos melhores ornamentos de toda a livraria portugueza.

Depois destes, dizem que o nosso mimoso poeta Bulhão Pato, tem enfeixado tambem algumas daquellas flores graciosas, de que lhe quizeramos igualmente ver compôr um ramo, que ninguem deixaria de festejar.

Os outros cultores do Parnaso esses desertaram: Antonio de Serpa, espirito observador, quanto mais olha em roda de si, menos acha que engrandecer, mas muito para ridicularisar, e portanto emprehende a satyra, onde já se tem distinguido; Palmeirim, abandonou completamente a musa popular, que com tanta felicidade cultivou; Gomes de Amorim, ignoramos se os verdes e formosos campos do Minho, e as margens viçosas do Mondego, lhe despertaram o estro.

A litteratura dramatica é que ultimamente tem sido enriquecida d'algumas produções que esperamos brevemente applaudir. O theatro roubou á poesia parte dos seus cultores. Palmeirim escreveu uma bonita comedia *Como se sobe ao poder*, cujo dialogo é cheio do mais fino espirito e entrelaçado dos mais chistosos epigrammas. Para o beneficio do actor Tasso, tambem nos consta ter feito o nosso amigo Amorim, um drama intitulado *o Cedro Vermelho*. É na America, que se passa a acção. O exito alcançado pelo *Odio de raça*, faz esperar tudo d'esta nova composição do mesmo author. Estamos igualmente informados que o nosso distincto escriptor Cascaes, apresentará cedo no theatro uma nova produção, cujo titulo ignoramos, mas sabemos que o enredo versa n'uma tradição nacional.

Na scena portugueza representou-se ultimamente um bonito e singelo drama *As Orphãs de Valneige*, extrahido da bem conhecido e festejada *Geneveva*, de Lamartine. A simplicidade do enredo, e a finura d'alguns toques deixam ver bem a origem. Os authores da peça deram talvez porções largas de mais ao que podia comportar o assumpto. O drama verdadeiramente está no segundo acto; é ahi que a paixão está mais desenvolvida, e os effeitos scenicos mais pronunciados. Na generalidade o desempenho foi bom; o publico applaudiu e sahiu satisfeito.

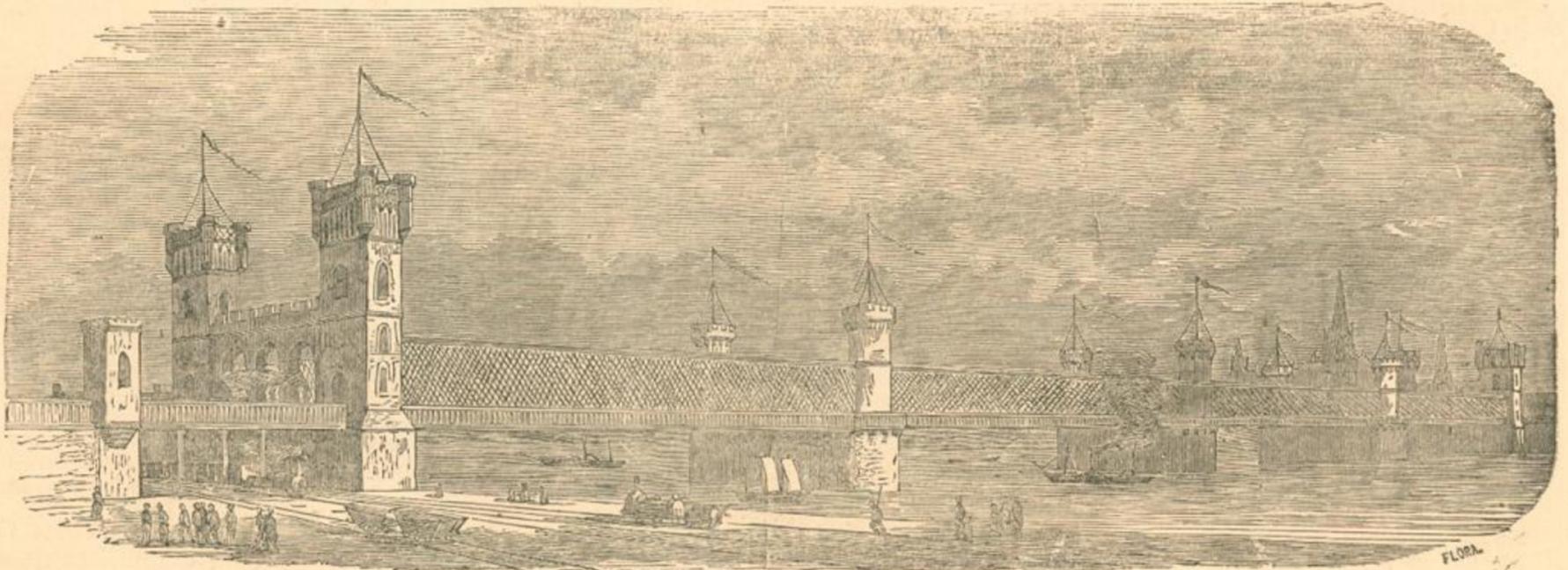
Houve a reabertura do theatro lyrico, cantou-se a *Traviata* e dançou-se a *Paquerette*. A empresa tinha sido intimada a dar por finda a sua gerencia, e foi nomeado sr. D. Pedro do Rio, como commissario do governo. Os artistas serão pagos e os assignantes indemnizados. Depois d'esta crise é o mais a que se podia aspirar.

A ultima Carta, original do sr. Lacerda que subiu ultimamente á scena no Gymnasio, consta-nos ter agradado, mas dizem-nos não ser traçada com o mesmo vigor dos *Dois mundos*, a que faz continuação. Diremos a nossa opinião franca e conscienciosa depois de vermos a Comedia.

ERNESTO BIESTER.

Diminuir as paixões proprias equivale a augmentar a propria fortuna.

Typ. DO PANORAMA—Travessa da Victoria, 52.



Ponte nova de Colonia.